



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## ELISA LISPECTOR E SAMUEL RAWET: CONTRIBUIÇÕES SOBRE EXÍLIO E ISOLAMENTO INTELECTUAL

Débora Magalhães Cunha Rodrigues (UERJ)

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

**Resumo:** A teoria e a crítica literárias contemporânea têm dado especial atenção às narrativas cuja temática gira em torno do exílio e da migração. Podemos considerar este maior interesse como desdobramento das reivindicações que eclodiram a partir dos anos 1960 com o escopo de reclamar a voz ausente das margens nos discursos políticos, sociais e também literários. À medida que vozes negras, femininas e migrantes são colocadas em relevo, muito pelas contribuições dos pós-estruturalistas, podemos nos acercar de questões e discussões que antes eram ocultadas ou silenciadas pelo discurso promovido pelo centro (europeu, masculino, branco). Tendo em vista esta possibilidade de análise, dois autores chamam atenção por terem sido “redescobertos” neste período de maior valorização dos discursos marginalizados por parte dos estudos acadêmicos. São eles: Elisa Lispector e Samuel Rawet. Estes autores, cujas trajetórias foram marcadas pelo exílio e pelo isolamento intelectual, conquistam novo espaço com o advento de reedições. Para Edward Said, o intelectual no exílio pode configurar novas formas de percepção da realidade, dotado de uma liberdade pouco conhecida pelos intelectuais acomodados a uma forma de pensamento. Pretende-se neste artigo, discutir, a partir das narrativas de Rawet e Lispector, os conflitos de um e de outro, entre o exílio geográfico e o do intelectual, ao qual chamaremos de pós-exílio.

Palavras-chave: Elisa Lispector. Samuel Rawet. Pós-exílio.

A teoria e a crítica literárias contemporânea têm dado especial atenção às narrativas cuja temática gira em torno do exílio, da migração e do nomadismo. Podemos considerar este maior interesse como reflexo, ou ainda desdobramento, das reivindicações que eclodiram a partir dos anos 1960 e 1970 com o escopo de reclamar a voz ausente das margens nos discursos políticos, sociais e também literários. À medida que vozes negras, femininas e migrantes são colocadas em relevo, muito pelas contribuições dos pós-estruturalistas, podemos nos acercar de questões e discussões que antes eram ocultadas, ou mesmo silenciadas, pelo discurso promovido pelo centro (europeu, masculino, branco).

Tendo em vista esta possibilidade de análise, relativamente recente, dois autores

chamam atenção por terem sido “redescobertos” neste período de maior valorização dos discursos marginalizados por parte dos estudos acadêmicos, em geral, e da literatura comparada, em particular. São eles: Elisa Lispector e Samuel Rawet. Estes autores, cujas trajetórias foram marcadas pelo isolamento, conquistam novo espaço com o advento de reedições e de atividades acadêmicas dedicadas a compreender a engrenagem de suas narrativas, não só do ponto de vista temático, como também estético.

Elisa Lispector e Samuel Rawet, ambos judeus, abrem espaço em seus textos para personagens angustiadas com a potencial incomunicabilidade entre os indivíduos. Ora nos é dado a ver um escritor imigrante solitário e frustrado por não conseguir quem queira publicar seus livros, como acontece em *Além da fronteira* (LISPECTOR, 1945), ora nos é exposto a melancolia e decepção de imigrantes judeus no pós-guerra ao tentar narrar a experiência vivida e não encontrar quem os ouça, como em *Contos do imigrante* (RAWET, 2004). Esta temática, que ganha contornos distintos ao longo das trajetórias dos escritores, parece não ter tido a valorização compatível à importância que pretendiam enunciar. A voz narrativa que propunham assemelhava-se àquela que testemunha um trauma, esta perspectiva foi amplamente recebida mais como um discurso memorialístico do que como texto literário, desqualificando-o. Era preciso, para que se desse o pleno entendimento da obra destes autores, que o pensamento fosse além destas prerrogativas narrativas e compreendesse que, como salientou Márcio Selligman-Silva, “o testemunho não é simples manifestação do ‘pós-literário’, mas sim a afirmação da resistência do literário.” (SELLIGMAN-SILVA, 2003, p. 37). O pesquisador afirma ainda que a teoria da memória enfatiza a impossibilidade de distinguir ficção de testemunho. No entanto, embora estivessem restritos a um pequeno grupo de leitores que compreendessem seus textos como produções literárias, Lispector e Rawet foram escritores brasileiros premiados.

Elisa Lispector nasceu em Sawranh, na Ucrânia, em 1911. Parte em direção ao Brasil com a família em 1920, instalando-se no Recife. Em 1937, os Lispector sofrem novo deslocamento, desta vez para o Rio de Janeiro, onde Elisa, após concurso, ingressa no serviço público federal. Paralela à vida pública, inicia a carreira literária com a publicação de *Além da fronteira*, em 1945. Publicou sete romances e três livros de contos. O seu quarto romance, *O muro de pedras* (1963), recebeu o Prêmio José Lins do Rego, no mesmo ano de sua publicação, destinado a autores de romances inéditos. No ano seguinte, o mesmo romance é condecorado com o Prêmio Coelho Neto da

Academia Brasileira de Letras. Também seu último livro, *O tigre de Bengala*, de 1985, foi premiado com o Prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Club (INSTITUTO MOREIRA SALLES). A trajetória literária de Elisa Lispector, embora profícua, permaneceu ocultada e à sombra do nome da irmã caçula, Clarice Lispector. Sua obra é, portanto, agora resgatada, não somente para esclarecer aspectos e interesses que circunscrevem os estudos sobre a autora de *A hora da estrela*, mas pela particularidade de suas próprias narrativas.

Samuel Urys Rawet, escritor judeu polonês, naturalizado brasileiro, nasceu na cidade de Klimontov em 1929, chegando ao Rio de Janeiro em 1936. Em 1984, foi encontrado morto no seu apartamento em Sobradinho, cidade satélite da capital brasileira, onde vivia completamente só. Formou-se engenheiro e acabou por participar da equipe de Oscar Niemeyer e Joaquim Cardoso na construção de Brasília. Exerceu a atividade de escritor como contista, ensaísta e dramaturgo. No entanto, sua obra estabeleceu uma relação ambígua com o meio literário de sua época e acabou durante muito tempo relegado às notas de rodapé dos manuais de história literária brasileira, circunscrevendo seu público a um âmbito limitado. O escritor ficaria sobretudo conhecido após um polêmico ensaio de ruptura com a comunidade judaica intitulado “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê”, publicado na revista *Escrita*, em 1977, a partir do qual se autointitulou antijudeu. Outro dado de sua biografia que merece ser ressaltado é a sua homossexualidade e a forma que a assume, pois se torna tema frequente em seus textos ficcionais e ensaísticos<sup>1</sup>. Publicou cinco livros de contos e duas novelas, todos reunidos em reedições da Editora Civilização Brasileira (os contos e novelas em 2004, com organização de André Seffrin e os ensaios, em 2008, com organização dos pesquisadores Leonardo Tonus e Rosana Kohl Bines). Também em 2008, o Professor Francisco Venceslau dos Santos organizou um volume intitulado *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*, no qual nos fornece primorosa reunião de textos sobre o autor e entrevistas, contribuindo para análises sobre a recepção da obra de Rawet. O escritor, mesmo restrito a um pequeno círculo de leitores, já conta com um número expressivo de teses e dissertações, no entanto, sua obra continua a nos fornecer novas chaves de leitura.

---

<sup>1</sup> Consideramos que este dado não é meramente acessório, pois contribuiu para que Samuel Rawet se tornasse um escritor à margem do cânone literário e isolado. O autor especulou acerca da origem do desejo homossexual no ensaio *Homossexualismo: sexualidade e valor* (2008). Rawet inicia o texto afirmando que “o assunto é forte, convenhamos. Ainda mais quando se constata que a compreensão em relação à sexualidade quase sempre é verbal, epidérmica” (2008, p. 27).

De forma diferente se dá a retomada de Elisa Lispector. O resgate de sua obra, pelo menos por parte das editoras, ainda está bastante relacionada ao interesse pela figura da irmã Clarice Lispector. Por conseguinte, somente dois livros foram reeditados recentemente, ambos sob o espectro do nome de família. Em 2005, a Editora José Olympio reeditou o segundo livro da autora, *No exílio*, no qual relata a saga da família Lispector ao fugir do *pogrom*<sup>2</sup> no leste europeu até a chegada ao Brasil. Mais recentemente, a pesquisadora Nádia Battella Gotlib organizou a edição póstuma de *Retratos Antigos*: esboços a serem ampliados (2012) com fotos e missivas da família imigrante. Sobre *Corpo a corpo*, último romance da escritora, foi elaborada uma dissertação de mestrado em 2006 na Universidade de Brasília pela pesquisadora Fernanda Cristina de Campos<sup>3</sup>.

Com estas informações iniciais, é possível perceber o recente aumento do interesse por estes escritores, que pouco a pouco saem do isolamento a que se instituíram.

Assim, o argumento deste artigo pretende aproximar-se das proposições de Edward Said em seu livro *Representações do intelectual* (2005), no qual ensaia os contornos do moderno intelectual exilado. Para Said, o intelectual no exílio pode configurar novas formas de percepção da realidade, dotado de uma liberdade pouco conhecida pelos intelectuais acomodados a uma forma de pensamento:

O exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir caminhos prescritos. Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único. (SAID, 2005, p. 69)

Lispector e Rawet assinalaram em entrevistas que a incomunicabilidade entre os seres é elemento incontornável e isso os distanciava do grande público e do *mainstream* literário. Lispector, em entrevista ao Jornal do Brasil, ilustra sua assertiva com a fábula kafkiana “A mensagem do Imperador”: “na qual o mensageiro se perde por entre os mil e um labirintos do palácio, sem que a mensagem salvadora possa chegar aonde é tão ansiosamente esperada” (KERR, 1963). Esse distanciamento para Samuel Rawet é visto

---

<sup>2</sup> Pogrom foram movimentos organizados contra minorias étnicas ou religiosas, em especial contra os judeus.

<sup>3</sup> CAMPOS, Fernanda Cristina. *O discurso melancólico em Corpo a corpo, de Elisa Lispector*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6611/1/FERNANDA%20CRISTINA%20DE%20CAMPOS.pdf>.

da mesma maneira. A incomunicabilidade, por ser aspecto incontornável, deve ser compreendida como aliada à produção escrita. Neste caso, o texto exerceria sua função comunicativa de forma independente, ainda que a comunicação não acontecesse de forma imediata:

A incomunicabilidade do escritor com seu público e seu meio é inevitável. Naturalmente, *escritor* nada tem a ver com industriais da literatura. O que é *público*, afinal? Uma soma de indivíduos. Só quando o indivíduo deixa de ser a soma, em situações-limites, ele vislumbra uma nesga de comunicação. Então uma frase que leu adquire importância. Só as solidões se comunicam autenticamente (RAWET, 2008, p. 211).

Neste sentido, esta constatação da incomunicabilidade os descompromissava e, portanto, os libertava da obrigação de agradar e manter um público assíduo e fiel. Ao desligarem-se da premissa do largo reconhecimento, poderiam estar mais atentos ao processo criativo e ao que deveriam comunicar autenticamente para além do óbvio, aproximando-se do perfil de intelectual enunciado por Edward Said.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade líquida* (2001), também contribui para esta discussão ao investigar as dinâmicas modernas de sociabilidade. Ao analisar a “emancipação” do sujeito da modernidade líquida o autor considera que a liberdade perseguida por esta modernidade serve à lógica do possível consumo imediato em detrimento do pensamento como ato de libertação e independência. O pensamento para o filósofo constituiria, em certa medida, a oportunidade de libertação para aquele que pensa, sendo que neste jogo entre “observador distante” e o “ingênuo”, o “isolamento inviolável” do intelectual é a única forma contemporânea de demonstrar alguma solidariedade: “A falta de liberdade do ingênuo é a liberdade da pessoa que pensa. Ela torna o 'isolamento inviolável' mais fácil'. Aquele que põe à venda algo que ninguém quer comprar representa, mesmo contra sua vontade, a liberdade em relação à troca” (BAUMAN, 2001, p. 52). Ironicamente, a única liberdade possível é aquela que se opõe deliberadamente ao discurso da liberdade moderna. O sujeito livre é aquele que anda contra a corrente, que se encontra isolado, porém, não alheio. Neste sentido, o exilado constituiria a condição arquetípica do sujeito livre que, por conseguinte, está fora das relações de troca:

Os produtos que o exílio oferece são tais que ninguém teria qualquer inclinação de comprá-los. 'Todo intelectual emigrado está, sem exceção, mutilado', escreveu Adorno em seu próprio exílio nos Estados Unidos. 'Ele vive num ambiente que permanecerá incompreensível'. Não surpreende que ele esteja protegido contra o risco de produzir qualquer coisa de valor no mercado local. Portanto, 'se na Europa o gesto esotérico era frequentemente apenas um pretexto para o mais cego auto-interesse, o conceito de austeridade parece, no exílio, o mais aceitável dos salva-vidas'. O exílio é

para o pensador o que o lar é para o ingênuo; é no exílio que o distanciamento, modo de vida habitual da pessoa que pensa, adquire valor de sobrevivência. (BAUMAN, 2001, p. 53)

Elisa Lispector e Samuel Rawet constituem, portanto, trajetórias exiladas que a partir do isolamento a que se submeteram podem contribuir para a formação de uma matriz do pensamento que necessita de independência e autonomia. Retomando o pensamento de Edward Said, o exilado não segue por “caminhos prescritos” (SAID, 2005, p. 69), assim como o intelectual não poderá representar ou seguir pensamentos pré-estabelecidos sem alto grau de criticidade. Ainda segundo Said, o “exílio é um modelo para o intelectual que se sente tentado, ou mesmo assediado ou esmagado, pelas recompensas da acomodação, do conformismo, da adaptação” (SAID, 2005, p. 70).

A identidade deste intelectual autônomo, entretanto, não pode ser estanque e invariável. Elisa Lispector e Samuel Rawet configurariam, em um outro tempo histórico, o que se difundiu posteriormente como identidade do sujeito pós-moderno. Este estaria substituindo o “sujeito sociológico” como sugeriu Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005). A identidade do “sujeito sociológico” estaria costurada à estrutura social, étnica e econômica, estabilizando os “mundos culturais que eles habitam” (HALL, 2005, p. 12). No entanto, Hall assinala que muito tem se argumentado sobre o declínio desta identidade unificada e estável, dando lugar à outra identidade, a do “sujeito pós-moderno”, uma identidade sempre móvel, graças a uma constante formação ou transformação. Neste sentido, parece mais adequado ou correto falar em *identificações* e não mais em identidades, visto que estas últimas pressupõem um caráter inato, dado ou herdado, ao invés de algo que é construído e negociado, ou seja, que está sempre em processo (HALL, 2005).

Assim, podemos compreender a afeição de Rawet e Lispector pelo deslocamento, pela errância judaica, tão presentes em *Contos do imigrante* e *Além da fronteira*, como parte desta identidade sempre em construção. Esta perspectiva da errância pode ser considerada como a condição mesma do homem e da ficcionalidade existente na construção de pertencimento a *um* lugar, a *uma* língua ou a *uma* cultura, alinhando-se ao que se tem definido como identidade pós-moderna.

Sendo contraditória, em suma, a poética pós-moderna permite a coexistência de inúmeras identificações, mesmo que a princípio pareçam anular-se umas às outras. O que parece estar sendo colocado em evidência, quando se tenta compreender a pós-modernidade ou mesmo defini-la, é o caráter não linear das culturas, o questionamento

de valores eternos, a discussão sobre a relação da linguagem com a realidade e a transformação do modo como vemos ou conhecemos o real, como salientou Linda Hutcheon (1991). Dilemas estes que foram representados pelas angústias vividas por Marta, protagonista de *O muro de pedras* de Elisa Lispector, quando decide separar-se de Heitor. Marta diante dos desejos de experimentar-se compreende que seria mais fácil se tivesse marido e filhos, pois assumiria uma identidade pré-estabelecida e executaria um modelo herdado. Porém, recusa-se a fazê-lo, questionando os valores eternos do casamento (LISPECTOR, 1963). Enquanto Samuel Rawet, em *Crônicas de um vagabundo*, dá voz a um sujeito que decide abandonar família e trabalho para perambular pelo mundo. O vagabundo despe-se das instituições para viver à margem, como se essa fosse a verdadeira vida.

Desta maneira, é possível dizer que Samuel Rawet e Elisa Lispector já apresentavam em suas narrativas os dilemas da pós-modernidade. Evidenciaram, sobretudo com a representação do exílio, o caráter não linear das culturas, a fluidez das identidades e a incontornável incomunicabilidade entre os indivíduos, concretizando o conflito entre o exílio geográfico e o do intelectual, ao qual chamamos de *pós-exílio*. Este pós-exílio, ou exílio segundo, foi inicialmente pensado durante a realização da minha dissertação de mestrado, *Meu universo é outro: o exílio construído de Samuel Rawet* (2012). A proposta é configurar um novo conceito para se desvencilhar do exílio no sentido mais tradicional do termo associado ao deslocamento geográfico e, muitas vezes, com contornos históricos, caso de Rawet e Lispector sempre associados à identidade e à diáspora judaica. Não significa, no entanto, que o primeiro exílio, territorial, esteja suplantado ou substituído, mas que foi preciso ultrapassá-lo para edificar o pós-exílio. Este sim, necessário ao escritor, cujo distanciamento crítico torna-se instrumento de trabalho, como pudemos esclarecer com as contribuições de Said e Bauman.

Rawet e Lispector trouxeram ao debate intelectual uma perspectiva cultural e uma temática, a partir de meados do século XX, que somente se popularizou no início do século XXI. A quase ausência de debate sobre estas questões e a falta de interlocutores impuseram-lhes certo isolamento, ao qual não puderam se desvencilhar sob o preço de comprometer seus próprios discursos.

A partir deste afastamento, portanto, construíram nova identidade, desta feita, literária, mais fluida e livre de paradigmas pré-estabelecidos. Elisa afastando-se da sombra imposta pela trajetória da irmã, que dava visibilidade ao nome Lispector, e

Rawet distanciando-se de certa identidade judaica, a sionista, para valorizar o mito do judeu errante. O pós-exílio, esse afastamento necessário, assemelha-se àquela trajetória de Stephen Dedalus, de *Retrato do artista quando jovem* (2003), de James Joyce. Dedalus propõe a entrega total à literatura e à liberdade de pensamento exigido pelo ato criativo:

Não serei escravo daquilo em que já não acredito, quer se trate do meu lar, da minha pátria ou da minha igreja; e tentarei expressar-me numa forma de vida ou de arte tão livremente quanto possa e tão plenamente quanto possa, usando para minha defesa as únicas armas que me permitirei usar: o silêncio, o exílio e a astúcia. (JOYCE, 2003, p. 248)

Esta mesma liberdade, proposta por Dedalus, foi reclamada por Lispector e Rawet. Estes escritores foram impelidos a sair de suas cidades, a deixar o convívio com parte de suas famílias, a adotar outra língua, porém, foi no segundo exílio, nos textos literários, que propuseram pensar neste deslocamento, quer geográfico, quer intelectual, de forma a questionar padrões de pensamento. Suas narrativas dão visibilidade a temas dissonantes que questionavam os valores presentes na realidade de seu tempo. As manifestações desta dissonância aparecem nas personagens migrantes<sup>4</sup>, dando destaque para a sensível inadequação ao estranho novo ambiente. É relevante ressaltar que em *Contos do imigrante*, de Rawet, um dos relatos, intitulado “Salmo 151”, é sobre um homem negro, morador de favela, cuja marginalização é colocada ao lado da dos imigrantes. Não se trata, portanto, de destacar somente a forma de inadequação dos imigrantes judeus, mas de salientar toda forma de exclusão e incomunicabilidade, como podemos perceber no diálogo entre o protagonista Gamaliel e o velho cego Caetano que ao longo da narrativa compartilham momentos de silêncio e sons de violão:

Por quê, velho Caetano? A voz mais grave, quase um lamento, fê-lo parar. Os dedos truncados nas costas. Girou o rosto na direção da frase aprofundando as estrias. Um jorro surdo subindo-lhe do estômago comunica uma vibração há muito não sentida pelo corpo do velho. Há quanto tempo esperava por essa pergunta do negro! (RAWET, 2004, p. 72)

Esta incomunicabilidade entre os indivíduos é o mote destes escritores para questionarem, por meio dos conflitos das suas personagens, a falaciosa narrativa brasileira de sociedade tolerante e acolhedora. O isolamento deliberado destes escritores constituiu um novo exílio, literário, que deu a eles maior liberdade para escolher a

---

<sup>4</sup> Como exemplos destas personagens podemos citar: Sérgio de *Além da fronteira* (1945) e a família migrante de *No exílio* (1948), de Elisa Lispector, “O profeta” e “Gringuinho” do livro *Contos do imigrante* (1956), de Samuel Rawet.



forma de seu enunciado. Apresentamos, portanto, algumas perspectivas sobre o modo de o intelectual estar no exílio e, assim, propor uma reflexão sobre a trajetória destes escritores exilados ou intelectuais isolados, que optaram por escrever sobre a solidão humana sob a ótica dos que, historicamente, ainda não tinham visibilidade. Ressaltemos, portanto, suas solidões para que assim se comuniquem autenticamente.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2001.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Elisa Lispector. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/elisa-lispector>. Acesso em 28/09/2016.

JOYCE, James. *Retrato do artista quando jovem*. Trad. Clarisse Tavares. Coleção Mil Folhas 40. Porto: Público, 2003.

KERR, Yllen. *Entrevista. Yllen Kerr pergunta, Elisa Lispector responde*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 de ago. de 1963, p. 15. Caderno B.

LISPECTOR, Elisa. *O muro de pedras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

\_\_\_\_\_. *Além da fronteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

RAWET, Samuel. *Ensaios reunidos*. Rosana Kohl Bines; José Leonardo Tônus (orgs.). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Contos e novelas reunidos*. André Seffrin (org.). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Issa Farida. (Rio de Janeiro: 18/01/1970, p.9). In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008, p. 211.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória e literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.